

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXX



COIMBRA 1995
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

A IMPORTÂNCIA DO VINHO NA VIDA ACADÉMICA MEDIEVAL *

Maria Teresa Nobre Veloso

1. "Hic est enim calix sanguinis mei"

A formula do Cântone Romano da Missa (Consagração) patenteia a importância que o vinho tem entre os cristãos (!). Na verdade, o cristianismo é uma religião de origem mediterrânica onde a produção e consumo do vinho, assim como a dos cereais panificáveis, justifica o lugar de imprescindibilidade na sobrevivência humana que ocupam estes produtos naquela zona (?).

* Agradeço performatamente aos Srs. Profs. Doutores Manuel Augusto Rodrigues e Cónego José Geraldes Freire as sugestões que me forneceram para a elaboração deste trabalho.

O Cf. Math. 26, 28; Marc. 14, 24; Luc. 22, 20; I Cor. 15, 25.

(?) O cristianismo nasceu e teve a primeira expansão numa sociedade essencialmente rural, cuja sobrevivência dependia das boas colheitas e estas da observância das Leis divinas: "Si in preceptis meis ambulaveritis et mandata mea custodieritis et feceritis ea, dabo vobis pluviam temporibus suis et terra gignet germen suum et pomis arbores replebuntur, apprehendet messium tritura vindemiam et vindemia occupabit sementem et comedetis panem vestrum in saturitate; et absque pavore habitabitis in terra vestra". Cf. Lev. 26, 3-5.

Assim, o trigo e as uvas aparecerão como símbolos de Cristo. E o vinho, "fruto da videira e do trabalho do homem", estará omnipresente nos relatos bíblicos quer do Antigo, quer do Novo Testamento ⁽³⁾ (recorde-se o milagre das bodas de Caná ou a última Ceia).

Entender-se-á, por este motivo, que seja possível estudar a expansão do cristianismo no Ocidente europeu através da difusão da cultura da vinha. Plantar videiras e produzir cereais, eis um dos cuidados das instituições monásticas e dos Cabidos catedralícios. E nem a constituição dos solos inadequada a estas culturas, nem o clima adverso às mesmas impedia os clérigos de produzir, pelo menos, aquela quantidade que era indispensável para as cerimónias litúrgicas. Nelas, o pão e o vinho são de importância capital e, por isso, desde muito cedo a legislação eclesiástica regulamenta a sua qualidade e pureza—"vinum sit etiam purum et mundum ita ut inter vinum et ostiam et aquam trinitas sit significata" — pode ler-se num dos cânones do Concílio de Coiança (1050) transcrito no *Livro Preto da Sé de Coimbra* ⁽⁴⁾.

Deste modo o vinho tomou-se no Ocidente cristão medieval um elemento imprescindível na dieta humana, independentemente do estatuto social do consumidor. A prova do que afirmo está expressa na Regra de S. Bento. Esta não fez mais do que consagrar entre a comunidade monástica a dieta dos camponeses italianos. Prescindir da ração diária de vinho (que oscilava entre um litro e meio a dois litros por cabeça) significava a imediata perda de forças devido à diminuição do número de calorias ingeridas ⁽⁵⁾.

⁽³⁾ *Concordandarum ss. Scripturae manuale*. Barcinone ex typis Editorial Libreria Religiosa, anno MCMLXIV, onde se transcrevem todas as citações bíblicas nas quais se faz referência ao vinho.

⁽⁴⁾ *Livro Preto da Sé de Coimbra*, vol. III, edição crítica por P.^e Avelino de Jesus da Costa, Leontina Ventura e Maria Teresa Veloso, Coimbra, Arquivo da Universidade, MCMLXXIX, doc. 567, pp. 244-245.

⁽⁵⁾ Moulin, L. - *La vie quotidienne des religieux au Moyen Age X^e- XV^e siècle*. Paris,

2. *O vinho agente de sociabilidade. O consumo de vinho no quotidiano estudantil*

Na Idade Média a maioria dos estudantes era recrutada nos meios clericais, visto que o objectivo do ensino foi, pelo menos até ao século XIII, preparar e formar eclesiásticos. Assim, não é difícil perceber que a maior parte dos hábitos e tradições vigentes no meio estudantil tenham sido importados do mundo clerical. Desses hábitos saliente o consumo de vinho especialmente porque esta bebida se transformou num verdadeiro agente de sociabilidade. Todos os motivos eram válidos para beber: na alegria e na tristeza, nas festas e nos funerais, no êxito de um exame ou no desalento de uma reprovação, nas partidas e nas chegadas, na nostalgia do isolamento e da distância do lar paterno, ou no júbilo de uma festa entre amigos *et qualibet altera causa*. Mas ouçamos um poeta anónimo do século XII explicar as razões para beber: "bebem uma vez pelos cativos, depois desta bebem três vezes pelos vivos, quatro vezes por todos os cristãos, cinco vezes pelos fiéis defuntos, seis vezes pelas irmãs tolas, sete vezes pelos soldados campónios" (6). Por isso, beber era uma distração entre mestres e alunos. Provam-no a popularidade das tabernas de Paris na Idade Média—4000 em 1434 — segundo Gilbert de Metz (7).

A taberna é, como explica J. Le Goff (8), um lugar de solidariedade urbana que desempenha na pessoa do taberneiro um papel de substituto da família, lugar de acolhimento, (porque é na maior parte das vezes hospedaria) e banco de empréstimo. Além disso, a taberna era também um lugar ideal para se dirimir um litígio ou para

Hachette, 1987, pp. 110-120; Laurioux, Bruno— *A Idade Média à mesa*. Lisboa, Europa América, 1992, p. 25.

(6) Cf. *Apêndice*.

(7) Laurioux, Bruno — *A Idade Média à mesa*. Lisboa, 1992 p. 84.

(8) *La Civilisation de l'Occident Médiéval*. Paris, Flammarion, 1982, p. 288.

fazer uma escritura, porque podia encontrar-se com facilidade algum "clérigo de taberna" suficientemente hábil em direito para ajudar a redigir qualquer acto jurídico conforme à lei.

Esta função acolhedora da taberna chegou até nós relatada por algumas composições poéticas medievais de autor anónimo: "capítulo III lembrarei a taberna que por mim nunca será desprezada ou esquecida (...). Meu propósito afirmo: na taberna morrer para no último instante não me faltar o vinho" (9).

Por outro lado, a taberna funciona como um espaço de convívio entre grupos sociais diversos irmanados momentaneamente num gosto comum — beber vinho: "in *taberna quando sumus* não cuidamos do que seja a terra (...). Lá ninguém teme a morte (...) bebe a patroa, bebe o patrão, bebe o soldado, bebe o clero, bebe aquele, bebe aquela. Bebe o criado, bebe a criada, bebe o veloz, bebe o lento, bebe o branco, bebe o negro, bebe o constante, bebe o vadio, bebe o rude, bebe o mago. Bebe o pobre e o doente. Bebe o estranho e o desconhecido, bebe a criança, bebe o velho. Bebe o bispo, bebe o deão, bebe o irmão, bebe a irmã, bebe a velha, bebe a mãe, bebe esta, bebe aquele. Bebem cem, bebem mil" (10).

Não estava em causa apenas o gosto pela bebida, porque não se ingeria qualquer líquido, mas tão só o vinho. Independentemente da sua importância simbólica, àquele eram atribuídas as seguintes qualidades: "Il passe pour nourrir le corps, rendre la santé, prévenir des infirmités, aider la digestion, renforcer la chaleur naturelle, clarifier les idées, ouvrir les artères, reposer le cerveau, mettre fin à l'opilation du foie, enlever du coeur la tristesse et favoriser la procréation" (11).

(9) "Tercio capitulo memoro tabernam; illam nullo tempore spreui neque spernam (...) Meum est propositum in taberna mori, ut sint vina proxima morientis ori...." Cf. *Lateinische Lyrik des Mittelalters*. Stuttgart, Reclam, 1985, p. 366.

(10) Cf. *Apêndice*.

(11) Delort, Robert — *Le Moyen Age. Histoire illustrée de la vie quotidienne*. Paris, Seuil, 1972, p. 38.

Mas a mais nobre função do vinho é ser fonte inspiradora. Ouçamos, de novo, o testemunho do poeta anónimo do século XII: "É ébrio de néctar que o coração se eleva; com os copos se acendem as lanternas da alma (...). Eu, para fazer versos, preciso de bom vinho. E quanto mais o vinho sai puro dos tonéis, mais límpidas palavras então vou produzindo. Tais os vinhos que bebo, tais os versos que escrevo" (12).

3. O vinho nos actos académicos medievais portugueses

Em Portugal, o hábito do consumo de vinho está bem patente nos Estatutos de D. João I (1431) e nos de D. Manuel I (c. 1503). Nos primeiros a cerimónia de licenciatura estipulava que os examinadores, depois de terminado o interrogatório e após ter saído o licenciado, tomassem alguns doces e vinho a expensas daquele. Nos segundos, ou seja, nos de (c.1503), estabelece-se que na cerimónia inerente ao acto de licenciatura o bacharel envie nos dois dias anteriores ao exame, aos mestres e doutores que o irão interrogar, bem como aos reitores, escrivão e bedel, "hua canada de vinho branco e outra de vermelho, bom e hua galinha". O padrinho e o cancelário "levaram esto dobrado" (13). Além disto, receberão também uma caixa de confeitos cada um. Mas não ficam por aqui. No intervalo das provas há sempre uma "consoada homrada e honesta" para o cancelário e os outros, "na qual se deteram pouquo"

(12) "Poculis accenditur animi lucerna, cor inbutum nectare volat ad superna (...) ego versus faciens bibo vinum bonum et quod habent purius dolia cauponum; tale vinum generat copiam sermonum. Tales versus facio, quale vinum bibo". *Lateinische Lyrik des Mittelalters*, pp. 367-368. A tradução portuguesa que utilizámos é de David Mourão Ferreira in *Jornal das Letras*, n.º 1, 3-16 Março, 1981.

(13) *Os primeiros estatutos da Universidade de Coimbra*. T ranscrição de Maria T eresa Nobre Veloso. Coimbra, Arquivo da Universidade, 1991, p. 37.

e, evidentemente, após a publicação dos resultados "hir-se-am a comer huu gemtar" (14).

Podemos agora entender facilmente a abundância de brigas e rixas que quotidianamente sucediam entre os escolares e os habitantes da urbe que os acolhia. Aqueles, fiados na sua quase impunidade, actuavam, como afirma L. Moulin, (15) como se estivessem em terra de conquista. Jovens, ousados, corajosos e... avinhados encontravam razão em tudo para subverter a ordem cantando a plenos pulmões: "gaudeamus igitur juvenes dum sumus". É justamente para evitar "cousas desaguisadas de noyte", atribuídas aos estudantes, que D. Dinis ordena, a 25 de Maio de 1312, ao alcaide e alvazis de Coimbra "que façades cada dia tanger o sino gramde na see tres vezes (...) e aquele que achardes despois que o terceiro sino for tangido filhade - o vós alcaide e levade - o para o castelo" O⁶). Três anos antes, 15 de Fevereiro de 1309, aquele monarca havia concedido aos escolares e aos seus homens autorização para sair à noite desde que trouxessem lanternas (17). Mas o resultado, estava à vista: os furtos efectuados na cidade, atribuídos de imediato aos escolares, levaram o rei a tomar medidas mais drásticas.

Conclusão

O vinho é, como ficou patente, um agente de civilização. Divulgado o seu consumo pela comunidade cristã no Ocidente transformou-se num símbolo religioso, num elemento aglutinador

O Ibid, p. 38.

(15) *La vita degli studenti nel Medioevo*. Milão, Jaca Book, 1992, p. 83.

(16) *Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Transcrição de Maria Teresa Nobre Veloso. Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992, doc. 6n), p. 33.

(17) *Ibid*; doc, 6d),p. 29.

de vários estratos socio-profissionais, num sinónimo de vida e de alegria. Para o consumirmos correctamente, nada melhor que recordarmos a velha distinção beneditina entre o *ad sacietatem* e a *ebrietas*. E, encontrado o equilíbrio, poderemos repetir com o conde Clermont-Tonnerre: "Le vin est mieux qu'une boisson, c'est un dieu" ⁽¹⁸⁾.

⁽¹⁸⁾ Cunqueiro, Álvaro - *A cozinha cristã do Ocidente*. Lisboa, Relógio D'Água, 1993, pp. 245-265.

APÊNDICE**IN TABERNA QUANDO SUMUS
QUANDO ESTAMOS NA TABERNA****1**

Quando estamos na taberna
Não cuidamos do que seja a terra,
Mas corremos para o jogo
A que sempre nos aplicamos.
Que é que se faz na taberna,
Eis o problema a pôr,
Mas oiça-se o que direi:

2

Uns jogam, outros bebem,
Outros vivem sem discrição:
Mas os que no jogo se demoram,
Deles, uns são despídos,
Outros aí se vestem,
Outros de sacos revestidos.
Lá ninguém teme a morte.
Mas deitam por Baco a sorte.

3

Primeiro pergunta-se pelo preço do vinho.
Então bebem os libertinos:
Bebem uma vez pelos cativos,
Depois desta bebem três vezes pelos vivos,
Quatro vezes todos os cristãos,
Cinco vezes pelos fiéis defuntos,
Seis vezes pelas irmãs tolas,
Sete vezes pelos soldados campónios,

4

Oito vezes pelos irmãos perversos,
Nove vezes pelos monges dispersos,
Dez vezes pelos navegantes,

Onze vezes pelos discordantes,
Doze vezes pelos penitentes,
Treze vezes pelos peregrinos.
Tanto pelo papa como pelo rei
Todos bebem sem lei.

5

Bebe a patroa, bebe o patrão,
Bebe o soldado, bebe o clero,
Bebe aquele, bebe aquela.
Bebe o criado, bebe a criada,
Bebe o veloz, bebe o lento,
Bebe o branco, bebe o negro,
Bebe o constante, bebe o vadio,
Bebe o rude, bebe o mago.

6

Bebe o pobre e o doente,
Bebe o estranho e o desconhecido,
Bebe a criança bebe o velho,
Bebe o bispo, bebe o deão,
Bebe a irmã, bebe o irmão,
Bebe esta, bebe aquele.
Bebem cem, bebem mil.

7

Umhas cento e seis moedas
Gastam, quando moderadamente
Bebem todos sem medida
Embora bebam de cara alegre.
Assim todas as pessoas nos criticam
E assim ficaremos indigentes.
Os que nos criticam condenados sejam
E entre os justos inscritos não sejam.

Carmina Burana, 175 (in: *Lateinische Lyrik des Mittelalters*. Stuttgart, PhilippReclam, 1985, pp. 380-382; K. P. Harrington, *Medieval Latin*, University of Chicago Press, Chicago, 1969, pp. 374-376). (Tradução portuguesa de J. Geraldes Freire).